



ANAIS
II SIMPÓSIO NACIONAL
DE
ESTUDOS MISSIONEIRO

OS ANAIS DO II SIMPÓSIO

Este é o livro que contém os trabalhos apresentados durante o II Simposio Nacional de Estudos Missionarios, realizado em Santa Rosa, RS, em outubro de 1977.

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada durante o II Simposio Nacional de Estudos Missionarios, realizado em Santa Rosa, RS, em outubro de 1977.

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada durante o II Simposio Nacional de Estudos Missionarios, realizado em Santa Rosa, RS, em outubro de 1977.

ANAIS DO II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIROIS

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada durante o II Simposio Nacional de Estudos Missionarios, realizado em Santa Rosa, RS, em outubro de 1977.

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada durante o II Simposio Nacional de Estudos Missionarios, realizado em Santa Rosa, RS, em outubro de 1977.

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada durante o II Simposio Nacional de Estudos Missionarios, realizado em Santa Rosa, RS, em outubro de 1977.

18 a 22 de outubro de 1977
Santa Rosa — RS

Luiz Carlos Schellenberg

A MÚSICA ENTRE OS GUARANIS, ANTES DOS JESUÍTAS

Moarci Matheus Sempé

Antes de mais nada, não será demais declarar que eu não pretendia, neste Simpósio, tomar outra posição que não a de ouvinte. A intenção inicial era de estreitar laços de amizade e cordialidade, não com o sentido que deu a essas palavras a raposa no momento da partilha do queijo com o corvo, mas pensando em como poderia, talvez, integrar os conferencistas do III Simpósio Nacional de Estudos Missionários.

Foi a confiante insistência do Pe. Arthur Rabuske e a aquiescência do Prof. Erneldo Schallenberger que me fizeram tirar o coelho da cartola pois, para não fugir à regra, já tinha “escrito um improviso” para o caso de “ser apanhado de surpresa”. Não há brincadeira nenhuma nisso. Mas é que o estudo da história, o hábito da pesquisa se torna tão agradável que, para não ser egoísta, pensei que vocês deveriam saber disso.

Pesquisar, para quem está acostumado, se transforma em uma doce brincadeira. Por exemplo: tenho por hábito quando estou pesquisando algum assunto, anotar em fichas seletivas qualquer informação porventura obtida sobre outros assuntos. Isso é muito útil para quem lê bastante. E, quando uma determinada ficha contém, sem que me tivesse interessado especialmente, um bom número de anotações, informações e registros, passo a pesquisar esse assunto diretamente.

Foi o que aconteceu com a ficha que leva por título “A Música entre os Guaranis, antes dos Jesuítas”.

O que consegui coligir ainda não constitui matéria suficiente para, digamos, uma conferência. Mas é bastante para uma Comunicação.

Sabemos — e de sobra — que os jesuítas notaram imediatamente a tendência dos guaranis para a música. Por isso trouxeram para as reduções as composições que eram cantadas nas grandes catedrais européias. Ensinaram aos índios não só a executar essas composições mas, também, a fabricar os instrumentos necessários para isso. E em todas essas cópias os reduzidos se mostraram exímios imitadores.

No "Testemunho da visita que fez às reduções o Bispo D. Luís de Aresti", se lê que "quanto lo segundo q se pide dixo su S^{sa}. he muy grande el cuydado y solicitud q los dhos Padres doctrinantes tienen y an tenido en reduzir y cathequizar a los indios porque todos los dias los ocupan en instruirlos en los Misterios de nra santa fee y doctrina christiana y todo genero de virtud teniendo destribuidas las oras del dia para dezir la doctrina christiana, rezar el Rossario y aun tomar algunos dias diciplinas, canto llano y Chirimias, y violones con que se sirven los Templos con mucha autoridad y reverencia... 1)". Um testemunho precioso pois é de 1631, quando mal começavam a ser fundadas as reduções da "Mision del Tapé".

E já perto do fim, às vésperas da expulsão, em 1747, o Pe. José Cardiel registra que, ainda então, o ensinamento era ministrado através de imitações que o índio fazia observando as ações de seu mestre, e não por meio de regras ou explicações. Acrescenta Cardiel que às vezes era necessário, ao mestre, dar uma pancada ou um puxão de orelhas cada vez que o índio errava em sua aprendizagem, de maneira análoga, diz ele, ao cachorrinho que é necessário educar através de estímulos. Os reduzidos possuíam todos os instrumentos musicais existentes nas catedrais européias: — órgão, trombone, baixo, clarinete, cornetas, violão, violino, flautas, chirimias, harpas, enfim, tudo quanto se usava na Europa para fazer música, tanto em sopro como em corda, o que poderia tê-los levado, caso tivessem capacidade para tanto, a compor música imitada dos moldes que lhes eram ensinados, a menos que tivessem formação suficiente para continuarem fiéis à sua música, o que chamaríamos de música nativa, caso a tivessem. E será que a tinham? O próprio Cardiel nos esclarece: — "No hay maestro alguno indio que sea compositor, aunque sea muy músico; porque el indio no es para inventar sino para imitar. Valense de los papeles que tienen y que cada dia se van trayendo" (2).

Há opiniões diferentes. Mas serão válidas?

Werner Hoffmann ao apresentar a "Relación de Viaje a las Misiones Jesuíticas" do Pe. Antônio Sepp, o músico famoso, fundador da redução de S. João Batista e renomado mestre de ainda mais renomados corais — obra essa que ele traduziu para o espanhol, junto com Mônica Wrang — diz que "la orquesta (dos índios) consiste al principio solamente en instrumentos de viento, que los guaranies, en parte, ya conocian antes de la llegada de los espanholes, como flautas y chirimias" (3).

Vá lá que os guaranis já tivessem recebido, dos transandinos, a flauta que estes chamavam, seja de quena, tarka, charka, pinkullo e, até mesmo, erkencho, embora ninguém tenha encontrado elementos capazes de prover uma assertiva atrevida como essa. Mas que, antes da chegada dos espanhóis, já conhecessem a chirimis?

A autoridade incontestada de Furlong nos esclarece: — “Contó la Reducción de San Ignacio con el primer gran terno de Chirimías que hubo en estas regiones de América, pero preguntará el lector qué instrumentos eran esos. Eran instrumentos de viento, hechos de madera, a modo de clarinete, de unos 70 centímetros de largo, con 10 agujeros y boquilla con lengüete de caña. Este instrumento, agrega la fuente de información de que nos valemos, es quizá de origen árabe, pero desde antiguo se le encuentra en España. En ciertas acotaciones de los autos sacramentales de Calderon de la Barca, se dice: — “Tocan chirimias y los juglares del rey Juan I las usaban” (4).

Não são, portanto, instrumentos indígenas como quer Werner Hoffmann. Por outro lado, Sepp pergunta em sua “Relación de Viaje”, na tradução que o próprio Hoffmann fez: — “Reverendos Padres: quien les ha enseñado... a construir órganos, arpas, cornetas, chirimias y trompetas...?” “E depois de se referir aos padres alemães, cujo nome também ele desconhecia, responsáveis pelo começo do ensino da música aos índios, registra que “los misioneros me envian a sus músicos de todos los puntos cardinales Y desde cien millas de distancia para que los instruya en este arte, que es totalmente nuevo para ellos y diferentes como el día y la noche de la vieja música española, que aún tienen” (5).

Os testemunhos são arrasadores, e unânimes. Saint-Hilaire, que nos visitou por volta de 1820, às portas da Independência, encontrou a mesma situação: — “Os guaranis, como todos os índios, não tem idéia alguma do futuro. Aprendem com facilidade o que se lhes ensina mas não inventam e nem compõem nada” (6). Com o que não estava fazendo mais do que repetir o músico Sepp, de 1709: — “En la música vocal e instrumental tienen mucho más facilidad para aprender y perfeccionarse que todos los europeos; pero como no tienen ideas, ocurrencias, imaginación e fantasia, no son capaces de inventar algo nuevo y ponerlo por escrito, es decir, no sirven para componer música. Pero cantan bastante bien y sin desafinar; sus voces no son, sin embargo, tan puras como las nuestras, especialmente en el tiple y el bajo, tal vez por culpa del agua más o menos limpia y liviana que toman en sus pueblos. Aprenden en sus pueblos. Aprenden rápido cualquier instrumento.” (7)

Mas não é o que pensa Sanchez Labrador. “El agua del Uruguay es excelente — diz ele — aunque al principio causa alguna lubricidad al que la bebe, y tomada con exceso relaja tanto que hay riesgo de padecer disenterias. Mas los que están acostumbrados a beberla, no experimentan mal efecto, ni las pospondrán a cualquiera otra. Su calidad más especial es que limpia y aclara los organos de la voz con excelencia. Y así las voces mejores de los Pueblos de las Misiones eran las de aquellos Pueblos, que bebían

del Uruguay inmediatamente, como son los de Santo Tomé, La Cruz y Yapeyú" (8).

Alonso Barzana, em 1594, no início da catequese, já havia registrado a propensão dos guaranis em crer nos "anguerá", almas saídas dos corpos. Acreditaram nos padres assim como acreditaram nos índios inféis que se lhes apresentavam dizendo-se Papas, Jesus Cristo e mestres de diversos tipos, embaindo-os em sua boa fé e aproveitando-se de sua propensão a obedecer para formar verdadeiros serralhos. Ensinavam-nos a dançar com tal insistência que eles, enlouquecidos pelo ritmo, dançavam "de dia y de noche, por lo cual vienen a morir de hambre, olvidades sus sementeras" (9).

Disciplinar essa propensão para a dança devido ao seu encantamento pela música foi um dos primeiros cuidados dos jesuítas. Em 1747 o Pe. José Cardiel iria escrever que "no se usa entre ellos jamás danza ni baile ninguno en sus casas o en particulares, como se usan en Europa entre mozos y mozas". E depois de relacionar as danças, que são "todas de cuenta y no poco artificiosas, aprendidas en Escuela y con Maestro, que hay en cada pueblo", diz que ha "otras con espadas representando esgrimas y escaramuzas, haciendo segundo instrumento con ellas, con suas golpes a compás; ya a lo Turquesco, ye a lo Asiático, con vestido de esas naciones, con Alfanes, Lanzas, Saetas, y a veces con bocas de fuego que disparan a compás" (10), o que nos faz lembrar a nossa Dança dos Facões que bem pode ter sido introduzida entre nós pelos jesuítas, por emio do índio que terminou entrando no caldeamento formador do tipo social que chamamos "gaúcho".

Também os vizinhos eram destituídos de gênio musical inventivo. O franciscano Francisco Mendes, escrevendo sobre os Mbayas, diria em 1772 que "no usan música alguna, ni baile concertado o acorde; si bien, al ruido descompasado de unas tocadas que forman los cantores, o Pays por medio de un porongo, como ya dije, suelen dar sus saltos en rueda". "De una olla de barro forman un atabal, i sin mas son que tuntun, se estan oda una noche en eso..." (11). Também sobre os Guanás frei Fendes testemunha que "las mujeres son muy facimles y arosas, y de muy buen cuerpo y parecer; por lo general son morenas, aunque hay blancas, o amestizadas muchas. Se mueren por cantar, y esta es la causa por que se dan tanto a ser curanderas o adivinas, en cuio ministerio tienen mas ocaçion de exercitarse en el canto, si se debe dar este nombre al ruido que hacen con el porongo lleno de conchillas y pedrezuelas como el de los Pays Mbayas" (11). E aqui chega o momento de lembrar que tudo quanto possuímos sobre a música dos índios brasileiros não passa de uma escassa dúzia de notas musicais, apontadas ainda na notação quadrada que Guido d'Arezzo iria modificar, que nos contam que os tupinambás cantavam uma canção ao "canidém-ioune, ca-

nidé-ioune heura'oueh", em homenagem a um pássaro amarelo" (12).
E nada mais.

A respeito dos índios sob dominação espanhola os testemunhos parecem não terminar mais. Furlong refere que o Pe. José Cardiel afirmava que "yo he atravesado toda Europa y en pocas Catedrales he cido músicas mejores que estas en su conjunto. No obstante su destreza, y que hay en todos los Pueblos un maestro o dos de música, jamás se ha hallado algún maestro e discípulo que sepa componer ni un renglón, como tampoco se ha encontrado indio alguno que sepa hacer una copla aun en su idioma, ni aun de aquellas que hacen los ciegos de España. Tanta es su cortedad de entendimiento", (13). Confirma o Pe. Labbé, que chegou ao Rio da Prata em 1711. Escrevendo desde Concepcion, de Chile, com relação aos índios do Paraguai, registra que "no tienen estos indios genio inventivo; pero remedan todas las obras que ven, con admirable destreza" (14). "Imitan como los menos todo lo que ven, iria afirmar o Pe. Sepp — incluso si hace falta paciencia, longanimidad y un animo infatigable" (15). O próprio Werner Hoffmann, na introdução da "Continuación de las labores apostólicas" do Pe. Sepp, que ele também traduziu, não pode fugir de afirmar que "huelga decir que los indios eran en la música como en las bellas artes durante esta época solamente imitadores y no creadores, pues tenian que asimilarse primeiro el arte europeo" (16). Mas a verdade é que nem depois de ter assimilado essa arte, criaram alguma coisa em música. E eram bons músicos, bons intérpretes, bons executantes e bons cantores. "Las voces -- iria escrever o Pe. Juan de Escandon S. J. em sua carta de 1760 ao Pe. Andrés Marcos Burriel — por lo comun, no suelen ser tan buenas como las de acá, pero las ajustan muy bien a la solfa, o papeles que de ello que de acá les van o allá se les hacen, que de todo hay, y uuno otro es menester, porque aun que ellos saben bien la música y trasladan cualquier papel de ella, asi para las voces, como para los instrumentos, pero inventarlo ellos, ni componerlo de nuevo no saben, ni aun los maestros de capilla, aunque si saben hacer y hacen todos los instrumentos musicales, hasta órganos, y no malos" (17).

Portanto, não houve música entre os guaranis, antes dos jesuítas e, depois deles, só poderiam ter havido simples cópias das composições européias que os padres trouxeram. Mas nem isso foi possível provar.

Nos dias atuais as lojas especializadas estão repletas de gravações feitas por conjuntos sem conta, que se apresentam como intérpretes de música nativa, de ritmos vindos dos guaranis. Alguns desses conjuntos chegam a afirmar que as composições que apresentam são decorrentes de conhecimentos obtidos em pesquisas. Lamentavelmente não esclarecem "que" tipo de pesquisa, o que seria necessário, com indicação das fontes, não só para que a afir-

mação tivesse cunho científico, o que é imprescindível, como, ainda, para que fosse aceitável.

Até agora não foi possível provar que o Rio Grande tenha úsia nativa. Pelo contrário, todos os registros encontrados são pela negativa. Nativo, ensina Mestre Aurélio, é “o que é natural, congênito. Que nasce, procede, procedente. Não estrangeiro, nacional” (18).

Tudo indica, pois, não existir música nativa em nosso Rio Grande. Os índios não nos transmitiram nada, musicalmente, salvo, talvez, as melopéias profano-religiosas dos terços, das excelências e de outras velhas e destrambelhadas orações, arremedos em música e letra dos cânticos sagrados que haviam aprendido no tempo dos jesuítas e que, expulsos esses, seus coadjutores, mestres de capela ou sacristães, deles fizeram as vezes perante os pobres e ingênuos antigos reduzidos que se sentiam como órfãos por terem perdido seus “Pais”, transformados em “capelães” que terminaram passando o glossário — que o mau conhecimento do idioma iria deixar quase ininteligível — para as mãos das mulheres, as quais — lembremos Frei Francisco Mendes — “se mueren por cantar y esta es la causa por que se dan tanto a ser curanderas ó adivinas”.

“Nossas lendas campeiras — iria confessar Aurélio Porto — nossa música e cânticos folclóricos, o fatalismo característico do nosso povo, a displicência das nossas ações e o religiosismo das velhas gerações campeiras, refletem um pouco a civilização decadente das Missões” (19).

Esta a comunicação que trouxe até vocês para ver se alguém me ajuda nesta pesquisa que, naturalmente, vai continuar. Receberei agradecido qualquer indicação que me queiram dar, mesmo contra a tese que aqui foi lançada, pois o pesquisador jamais se apaixona ao ponto de ser faccioso.

Agradeço a atenção com que me ouviram e, antes que me perguntem, esclareço que falei na primeira pessoa por concordar e gênero e número com Mário Quintana: — “Nós, é a vaidade atrás da porta!”

BIBLIOGRAFIA

- 1) TESTEMUNHO DA VISITA QUE FEZ AS REDUÇÕES O BISPO ARESTI, 10-12-1631 — In “JESUITAS E BANDEIRANTES NO URUGUAI” — Vol. IV dos Manuscritos da Coleção de Angelis, Biblioteca Nacional, Rio, 1970, p. 78.
- 2) FURLONG CARDIFF, Guillermo — “JOSÉ CARDIEL Y SU CARTA RELACIÓN (1747)” — Libreria del Plata, Bs. Aires, 1953, p. 164.
- 3) SEPP S.J., Antônio — “RELACIÓN DE VIAJE A LAS MISIONES JESUITICAS”, tradução de Werner Hoffmann e Mônica Wrang — Editorial Universitaria de Bs. Aires, 1971, p. 100.
- 4) FURLONG CARDIFF, Guillermo — “MISIONES Y SUS PUEBLOS DE GUARANIES” — Bs. Aires, 1962, p. 478.
- 5) SEPP S.J., Antônio — “RELACIÓN DE VIAJE”, op. cit. p. 202.
- 6) SAINT-HILAIRE, Augusto de — “VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL”, (1820-1821) — Tradução de Leonan de Azeredo Penna — Editora Itatiaia Ltda., Belo Horizonte, 1974, p. 132.
- 7) SEPP S.J., Antônio — “JARDIN DE FLORES PARACUARIO” — Tradução de Werner Hoffmann — Editorial Universitaria — Bs. Aires, 1974, p. 197.
- 8) SANCHEZ LABRADOR, José — “PARAGUAY NATURAL” — Parte ainda inédita, citada por FURLONG em “MISIONES Y SUS PUEBLOS DE GUARANIES”, op. cit., p. 38.
- 9) FURLONG CARDIFF S.J., Guillermo — “ALONSO BARZANA Y SU CARTA A JUAN SEBASTIAN, Asuncion 08-09-1594 — Ediciones Theoria, Bs. Aires, 1968, p. 93.
- 10) FURLONG CARDIFF S.J., Guillermo — “JOSÉ CARDIEL S.J. Y SU CARTA-RELACIÓN (1747) — Libreria del Plata, Bs. Aires, 1953, p. 165.
- 11) “CARTA DE FREI FRANCISCO MENDES”, franciscano, sobre os costumes dos índios Mbayás, Guanás e demais nações da região boreal do rio Paraguai — In “DO TRATADO DE MADRID A CONQUISTA DOS SETE POVOS” — Vol. VII dos Manuscritos da Coleção de Angelis — Biblioteca Nacional, Rio, 1969, p. 65.
- 12) LÉRY, Jean de — “VIAGEM A TERRA DO BRASIL” — Tradução de Sérgio Milliet — Biblioteca do Exército Editora, 1961, p. 136, 190, 192 e 193.
- 13) FURLONG CARDIFF S.J., Guillermo — “MISIONES Y SUS PUEBLOS DE GUARANIES”, op. cit., p. 486.
- 14) “CARTAS EDIFICANTES Y CURIOSAS” — Ed. Davin, Madrid, 1754, tomo 10, p. 134. — Citado por FURLONG CARDIFF, S.J. (Guillermo) in “HISTORIA Y BIBLIOGRAFIA DE LAS PRIMERAS IMPRENTAS RIO-PLATENSES”, Editorial Guaranía, Bs. Aires, 1953, tomo I, p. 70.
- 15) SEPP S.J., Antônio — “CONTINUACIÓN DE LAS LABORES APOSTÓLICAS” — Tradução de Werner Hoffmann — Editorial Universitaria, Bs. Aires, 1973, p. 270.

- 16) SEPP S.J., Antônio — “CONTINUACIÓN DE LAS LABORES APOSTÓLICAS”, op. cit., p. 79.
- 17) FURLONG CARDIFF S.J., Guillermo — “JUAN DE ESCANDON S.J., Y SU CARTA A BURRIEL (1760)” — Ediciones Theoria, Bs. Aires, 1965, p. 89.
- 18) HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de — “NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA” — 1ª edição, p. 971.
- 19) ASSUNÇÃO, Fernando O. — “EL GAUCHO” — In “REVISTA DEL INSTITUTO HISTORICO Y GEOGRAFICO DEL URUGUAY”, Montevideu, 1958/59, tomo XXIV, p. 482.

DOCUMENTAÇÃO MISIONEIRA DO INSTITUTO DE ESTUDIOS
BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Historia Brasileira Beltrão
Instituto de Estudos de História do Instituto
de Estudos Brasileiros da Universidade de S. P.